

AS ORAÇÕES INTERROGATIVAS NAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Nataniel dos Santos Gomes

UEMS

Introdução

No presente artigo, será mostrado como são analisadas as estruturas interrogativas em línguas indígenas brasileiras. Inicialmente será apresentado o trabalho seminal de Brandon e Seki (1984) sobre interrogativas em línguas Tupi. Em seguida, será mostrada a análise que Maia et alii (2000) fazem sobre as interrogativas em três línguas nativas não geneticamente relacionadas.

1. Interrogativas em Tupi

Brandon e Seki (1984) realizaram um estudo sobre o sistema de interrogativas em oito línguas representantes de três famílias do Tronco Tupi.

O foco da investigação dos autores é a combinação de movimento de QU e a ordem OV.

De acordo com Brandon e Seki, os dados observados não podem ser tratados com base na proposta (da época) sobre a relação entre a ordem VO e a presença de um nóculo QU em posição inicial (onde estaria a partícula interrogativa), reservada para perguntas sim/não e para a aterissagem de palavras interrogativas.

Nessas línguas, de acordo com os autores, não é possível associar movimento de interrogativas com partículas sim/não. Isto é, o movimento de palavras interrogativas está totalmente desvinculado da presença de partículas interrogativas e de complementizadores.

As três famílias investigadas foram Mundurukú, Sateré-Maué e Tupi-Guarani. Mundurukú e Sateré-Maué representam os seus próprios membros. A família Tupi-Guarani tem as seguintes línguas representantes: Asurini do Trocará, Kamaiurá, Kayabí, Oiampí, Guarani Paraguaio, Tupinambá e Txiriguano.

O comportamento das palavras interrogativas dessas línguas, segundo os autores, contradiz o Universal 12 de Greenberg (1963), segundo o qual o movimento de palavras interrogativas para o início da sentença está associado à ordem VO e nunca à ordem SOV.

A investigação das construções interrogativas das línguas Tupi é realizada em cima dos pressupostos teóricos da época, da Teoria Padrão Estendida. De acordo com essa Teoria, o nóculo Comp se expande como [+wh] ou [-wh]. Se um nóculo Comp é [+wh], complementizadores como “*whether*” ou “*if*” do inglês, por exemplo, são inseridos. Se houver um sintagma interrogativo, este será gerado em adjunção ao Comp, formando um Comp complexo. Se o nóculo Comp for [-wh] ele pode permanecer vazio ou ser ocupado por “*that*” ou “*for*” ou mesmo ter um sintagma contendo um pronome relativo.

Os autores tentam mostrar, através dos dados do Sateré-Maué, que a proposta que assume a relação entre Comp, um nóculo [+wh] e uma regra de movimento de interrogativas não parece ser verificada como uma possível explicação para o movimento obrigatório da palavra interrogativa.

Observe nos dados abaixo do Sateré-Maué que o complementizador *hap* ocorre após a oração subordinada, isto é, à direita em (c), a partícula interrogativa *apo* se manifesta após qualquer sintagma da oração e o sintagma interrogativo, sempre aparece em posição inicial. Isto é, cada um desses elementos ocupa uma posição distinta na oração:

Sateré-Maué

- (1) (a) re-to teran *apo* ui-wywo
2sg-ir querer int 1sg-com
‘Você quer ir comigo?’
- (b) *kat pote* yt ere-to i ui-wywo
por que neg 2sg-ir neg 1sg-com
‘Por que você não vai comigo?’
- (c) [*kat pote* yt ere-to i ui-wywo *hap*] ati-kuap teran
Por que neg 2sg-ir neg 1sg-com Comp 1sg-saber querer
‘Eu quero saber por que você não vai comigo?’

(Brandon & Seki: 80)

Desses fatos, os autores concluem que o movimento de interrogativas em Sateré-Maué não é movimento para Comp, nem para um nóculo [+wh] identificado pela partícula interrogativa.

Uma das características dessas línguas é a de que as palavras interrogativas sempre ocorrem no início da oração. Tal fato constitui evidência para a existência de uma regra de movimento:

Kamaiurá

- (2) (a) o'iran a-ha *kamajura r-etama katy-n*
Amanhã 1sg-ir Kamaiurá rel-vila para
'Amanhã, eu vou à vila Kamaiurá'
- (b) *umam o'iran ere-on*
onde amanhã 2sg-ir-intenção
'Onde você vai amanhã?'

(Brandon & Seky: 82)

Já as partículas interrogativas se manifestam em diferentes posições.

As partículas interrogativas dessas línguas apresentam a seguinte distribuição:

- (a) Ocorrem após qualquer sintagma na oração em Asuriní, Tupinambá, Sateré-Maué e Guarani:

Assuriní

- (3) *Karora o-ata a-ha pa*
Karora 3-caçar 3-ir int
'Kara está caçando?'

(Brandon & Seky: 84)

- (b) Ocorrem após qualquer sintagma que, por sua vez, é movido para o início da oração em Mundurukú, Kayabí e Oiampí:

Oiampí

- (4) saa *po* ere-pota
Manchete int 2sg-quer
'Você quer uma *machete*?'
(5) ere-pota *po* saa
2sg-quer int machete
'Você *quer* uma machete?'

Kayabí

- (6) ere-o *te* je rupi
2sg-ir int 1sg com
'Você *vai* comigo?'
(7) je rupi *te* ere-o
1sg com int 2sg-ir
'Você vai comigo?'

(Brandon & Seky: 85)

- (c) Ocorrem no início da sentença em Kamaiurá:

Kamaiurá

- (8) po petyma ere'-u potat?
Int fumo 2sg-tomar querer

‘Você quer fumar (=tomar fumo)?’

(Brandon & Seky: 86)

Em Kamaiurá, Munduruku e Sateré-Maué, as palavras interrogativas não coocorrem com partículas interrogativas:

Kamaiurá

- (9) ma'are kunu'uma i-jae'o-w
Por que menino 3-chorar circuns
‘Por que o menino está chorando?’

(Brandon & Seky: 86)

Em Oiampí, a partícula interrogativa é opcional com palavras interrogativas.

No restante das línguas investigadas, a partícula interrogativa sempre acompanha a palavra interrogativa:

Assurini

- (10) *ma'e ramo pa* ere-soka ser-eomawa
Por que int 2sg-matar 1sg-animal
‘Por que você matou meu animal?’

Brandon e Seky tentam apresentar uma análise sincrônica para essas línguas segundo a qual o movimento de interrogativas é para o início da oração, mas não para o local da partícula interrogativa (:91):

Question particles would be generated in the base optionally following phrases, and multiple uses of question particles would be filtered out by semantic rules. Filters or subcategorization

would guarantee or exclude the combination of interrogative words and question particles. A filter – plus – rule solution modeled on Chomsky and Lasnik (1977: 446) could be used. However, a rule optionally deleting the question particle (Q) is not necessary, since Q is not required for Interrogative Movement to apply (not being the destination of the moved interrogative) and since Q is already optionally generated in the base as part of NP, PP and other phrases where the interrogative word (int) is introduced by lexical insertion.

Vê-se então, que as línguas Tupi apresentam diferentes padrões no que diz respeito à relação entre movimento de QU e partícula interrogativa.

Em Kamayurá, essas duas manifestações vinculadas às estruturas interrogativas não coocorrem. Em Kayabí, tanto em interrogativas sim/não, quanto em interrogativas QU, percebe-se a presença da partícula na mesma posição que poderia ser identificada com Comp, ao contrário do que afirmam os investigadores.

As observações feitas por Brandon e Seki sobre as interrogativas das línguas Tupi, parecem refutar a hipótese de Cheng (aventada muitos anos depois). Se todas as línguas Tupi analisadas apresentam movimento de QU e também uma partícula para as perguntas sim/não, que podem ou não coocorrer com as palavras interrogativas, então, essas línguas parecem estar usando as duas estratégias para marcar o tipo da oração.

Existem línguas indígenas que parecem refutar essa proposta de Cheng, porque apresentam palavras interrogativas e partículas. Acontece que elas são analisadas de certa maneira que não compromete a Hipótese do Tipo de Oração.

Esse é o caso de línguas como o Karajá (Macro-Gê) que será apresentada a seguir.

2. Interrogativas em outras línguas

Maia et alli (2000) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a morfologia e a sintaxe das línguas Karajá, Kaiapó e Manxineri, com base na teoria de Princípios e Parâmetros.

Em Karajá, as interrogativas são formadas a partir de uma ou mais raízes indefinidas, mais o traço interrogativo *-bo*.

Karajá

(11) ão-bo

- coisa-Qu
'O quê?'
(12) mo-bo
pessoa-Qu
'Quem'

Note-se que *bo* é aí tratado como a manifestação do traço Qu no sintagma interrogativo não como uma partícula interrogativa independente.

A palavra *ãobo* é usada também em interrogativas do tipo sim/não e ocupa a segunda posição na oração. Quando há um tópico, ela também segue este constituinte, sempre sendo o segundo elemento da oração.

Karajá

- (13) orera-my ãobo a-biòwa robire ahu-ki
Jacaré-acus. int. 2. amigo ver lago – em
O jacaré, o seu amigo viu?

Nas três línguas investigadas, o sintagma QU- sofre deslocamento para a esquerda. Para o Karajá, Maia argumenta que C tem traço QU- forte, o que provoca o movimento da palavra interrogativa. Note-se que essa língua é do tipo SOV. Com o movimento do sintagma interrogativo objeto, obtém-se a ordem OSV, conforme ilustram os exemplos abaixo:

Karajá

- (14) Wataju iheto ri winyleri SOV
Wataju 3-casa fez
'Wataju fez sua casa'
(15) ãobo Wataju ri winyleri OSV
O que wataju fez

‘O que Wataju fez?’

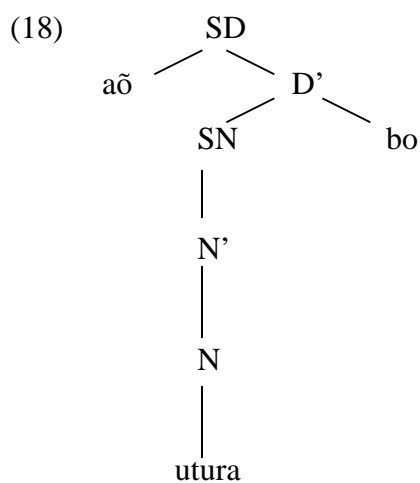
Maia et alli analisaram o sintagma interrogativo do Karajá como tendo o elemento (Qu)-*bo* como núcleo. Entre a raiz indefinida e o traço Qu (-*bo*) podem ocorrer marcas de caso, posições e nominais, conforme mostram os dados a seguir:

Karajá

(16) *ãobo-di-bo* juwata temyta?
coisa-com-Qu piranha pegar
‘Com o que pegastes a piranha?’

(17) *ão-utura-bo* kai temyta?
coisa-peixe-Qu 2ª pegar
‘Que peixe pegastes’

A representação do sintagma interrogativo “Que/Qual peixe?” é, segundo os autores, como em (18):



Note-se que a expressão do traço QU- o núcleo *bo-* toma como complemento um SN (=NP) e como especificador, o elemento indefinido (a palavra interrogativa).

Na derivação da estrutura interrogativa, é o sintagma inteiro e não só a expressão do traço QU- que se move para [Spec, CP]. Nessa configuração, o sintagma QU- satisfaz, de acordo com os autores, o Critério –QU- de Rizzi (1991) segundo o qual, para CP se projetar, é necessário a manifestação de um elemento lexical em sua projeção. Dessa maneira, estabelece-se uma configuração especificador / núcleo entre um operador [+Qu] em C° e um X° marcado com [+Qu], no caso, *-bo*.

A seguir, será mencionada a existência de outras línguas que parecem constituir contraevidência para a proposta de Cheng.

3. Outros tipos de estruturas interrogativas

Existem línguas que parecem ser contra-exemplos para a hipótese do Tipo de Oração, defendida por Cheng. Esse é o caso da língua africana Vata (Kru), estudada por Koopman (1984).

Conforme atesta Stevens (2005), Vata, língua do tipo OV, exhibe tanto uma partícula interrogativa quanto movimento de QU-:

Vata

- (19) àlói kòfí yé ti yé lá
Quem Kofi ver perf. Int
'Quem Kofi viu'

Stevens tenta salvar a hipótese de Cheng, através da proposta de Miyaga (2004) sobre os traços morfossintáticos envolvidos nas construções interrogativas.

De acordo com Miyaga, a GU admite os traços Q (interrogativo) e Wh como elementos separados. A distribuição desses dois traços é que vai diferir entre as línguas. O traço Wh determina a propriedade indefinida da palavra Qu e o traço Q determina as propriedades quantificacional e de escopo das estruturas interrogativas.

Segundo este autor, as línguas variam em relação aos traços que C possui. No japonês, C possui apenas o traço Q. A partícula interrogativa que é gerada no sintagma QU-, de acordo com Miyaga, se move para C, carregando o seu traço e deixando para trás o sintagma QU- que permanece *in situ*.

No inglês, C tem os dois tipos de traço (Q e Wh), como a palavra interrogativa manifesta esses dois tipos de traços, ela se desloca por inteiro para CP. Isto é, em inglês, diferentemente do japonês, os dois tipos de traços são inseparáveis em termos morfológicos. Ambos são expressos pela palavra interrogativa.

Em Vata, de acordo com Stevens, C também tem traços Q e Wh. O traço Q de C é satisfeito pela concatenação da palavra interrogativa em C. O traço Wh de C é satisfeito pelo movimento da palavra interrogativa. Apesar de a gramática de Vata ser mais custosa, é um tipo de gramática possível.

Para Stevens, a proposta de Miyaga dá conta da tipologia de estruturas interrogativas:

- (i) Movimento QU- obrigatório. Línguas sem partícula, como o inglês, em que os dois traços estariam inseparáveis em termos morfológicos.
- (ii) QU- *in situ*. Línguas, como o japonês e o chinês, em que a presença da partícula satisfaz as exigências morfossintáticas de C.
- (iii) Movimento de Qu e partícula interrogativa. Línguas como o Vata, em que cada um dos morfemas envolvidos na estrutura interrogativa satisfaz um dos traços de C.

Outra língua que parece constituir evidência contra a hipótese do Tipo Oracional de Cheng é ibíbio (tronco Nigro-Congo).

Oliveira (2006) mostra que em ibíbio, língua SVO com partícula interrogativa, o sintagma QU- pode tanto permanecer *in situ* quanto se mover para o início da sentença:

Ibíbio

- (20) *ták à-Ø-díe-hé nfín nê?*
Porque 2sg-asp-vir-wh hoje int
'por que você veio hoje?'
- (21) *Ékà mfò á- Ø-bá mmòó?*
Mãe 2sg-poss 3-asp-estar onde
'Sua mãe está onde?'
- (22) *mmòó ké èka mfò á-Ø-bá*

Onde foc-mãe 2sg-poss 3-asp-estar

‘Onde está sua mãe?’

O fato, porém, de o deslocamento de interrogativas vir acompanhado de uma partícula de foco, levou Oliveira a concluir que a palavra QU- em ibíbio não envolve movimento para Inter, mas sim para uma posição de Foco.

Outras línguas, assim como ibíbio, também parecem envolver o movimento de sintagmas QU- para a posição de foco.

Esse parece ser o caso da língua Mekens, conforme descreve Galucio (2001).

Em Mekens, nas interrogativas sim/não, emprega-se uma partícula interrogativa: *K rã*:

(23) sí mi-a t k rã

Veado matar você int

‘Você matou o veado?’

O constituinte interrogado pode ocorrer em posição inicial na sentença. Nesse caso, o constituinte movido vem seguido pelo marcador de foco *te* e pela partícula interrogativa *K rã*.

(24) s te k rã e-i-mi

veado foco int. 2-OM-matar

‘É veado que você matou?’

(25) t te kerã e-era e-toop

você foco int. 2-dormir 2-aux.

‘É você que está dormindo?’

De acordo com Galucio, esse tipo de interrogativa pode eliciar respostas afirmativas ou negativas normais, mas na maioria das vezes, uma resposta contrastiva é esperada.

Em Mekens, as interrogativas com sintagmas QU- envolvem movimento sintático para o início da oração e são acompanhadas ou pela partícula *p* “realmente” ou pela partícula de foco *te*.

- (26) apo= *p te e-i-sop*
Quem=real. Foco 2-OM-ver
'Quem você viu?'
- (27) arob= *p ameko mi-a-t*
Quem=real onça matar -3pl-pass.
'Quem matou o jaguar'

Conforme observa a pesquisadora, nas interrogativas de sujeito, *p* se manifesta. Já nas interrogativas de objeto tanto *p* quanto o marcador de foco *te* podem co-ocorrer. Essa dupla marcação parece indicar que se trata de construções do tipo clivada: “Quem é este que você viu?”

Em interrogativas do tipo “Qual NP”, o NP pode tanto se mover junto com o elemento QU- quanto permanecer *in situ*:

- (28) *ã ka korakora= p te e-i sôpo pek*
Qual galinha=real foco 2-OM-matar fut
'Qual galinha você vai matar?'
- (29) *ã ka=r= p te e-i sôpo korakora*
qual-rel-real.foco 2-OM-matar galinha
'Qual galinha você matou?'

Pelas observações feitas por Galucio, pode-se dizer que o movimento de interrogativas em Mekens envolve uma posição de foco.

Conclusão

Foi visto que se postula, na literatura, um constituinte funcional à esquerda da oração. Este constituinte pode estar dividido em mais de uma projeção funcional, conforme propõem os adeptos da abordagem cartográfica, como Rizzi.

O estudo sobre a composição funcional interna do sintagma complementizador se faz necessário, na medida em que pode nos ajudar a entender a natureza das estruturas interrogativas nas

línguas indígenas brasileiras, e assim, a entender também a variação oracional observada em algumas delas, como o caso do Kayabí.

Referências Bibliográficas

BRANDON, F. R. & SEKI, L. (1984). *Moving Interrogatives without an initial + wh node in Tupi*. Syntax & Semantics, Mich. vol. 16. pp. 77-103

CHENG, L. L. S. (1997). *On the Typology of Wh- Questions*. Nova Iorque, Garland.

GALUCIO, A.V. (2001). *The morphosyntax of Mekens (Tupi)*. Tese de doutorado. Chicago, Universidade de Chicago.

KOOPMAN, H. (1984). *The syntax of verbs: from verb movement rules in the Kru languages to Universal Grammar*. Dordrecht: Foris.

MAIA et. Alii (2000). “La sintaxis de las interrogatives en Karajá, Kayapó y Manxineri”. In. H. Voort & S. van de Kerke (ed). *Indigenous languages of lowland South America*.

MIYAGA, S. (2001). “The EPP, scrambling, and Wh-in-situ”. Kenstowingz, M. (ed). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MIT Press.

OLIVEIRA, M. S. D. (2006). *A análise de sintagmas wh em Ibibio: evidência para tipos de FOCO*. Revista Letras, nº 69. Curitiba, Editora UFPR.

RIZZI, L. (1991). *Residual Verb Second and the Wh-criterion*. Technical Report 2, Université de Genève.

STEVENS, J. (2005). “Grammar, Performance, and the Wh – Question Typology”. In.: Daniel Jinguji & Steven Moran (eds). UWWPL, vol. 24. Seattle, Universidade de Whashington.